

A Intimidação Nuclear e o Programa Estratégico-Nuclear Chinês: Mobilização Social e Engenharia Defensiva

Autor: Osvaldo Alves Pereira Filho (Graduando de Relações Internacionais/Bolsista de Iniciação Científica PIBIC-CNPq)

Orientador: José Miguel Quedi Martins (UFRGS)



pro.pesq
Pró-Reitoria de Pesquisa - UFRGS



OBJETIVOS

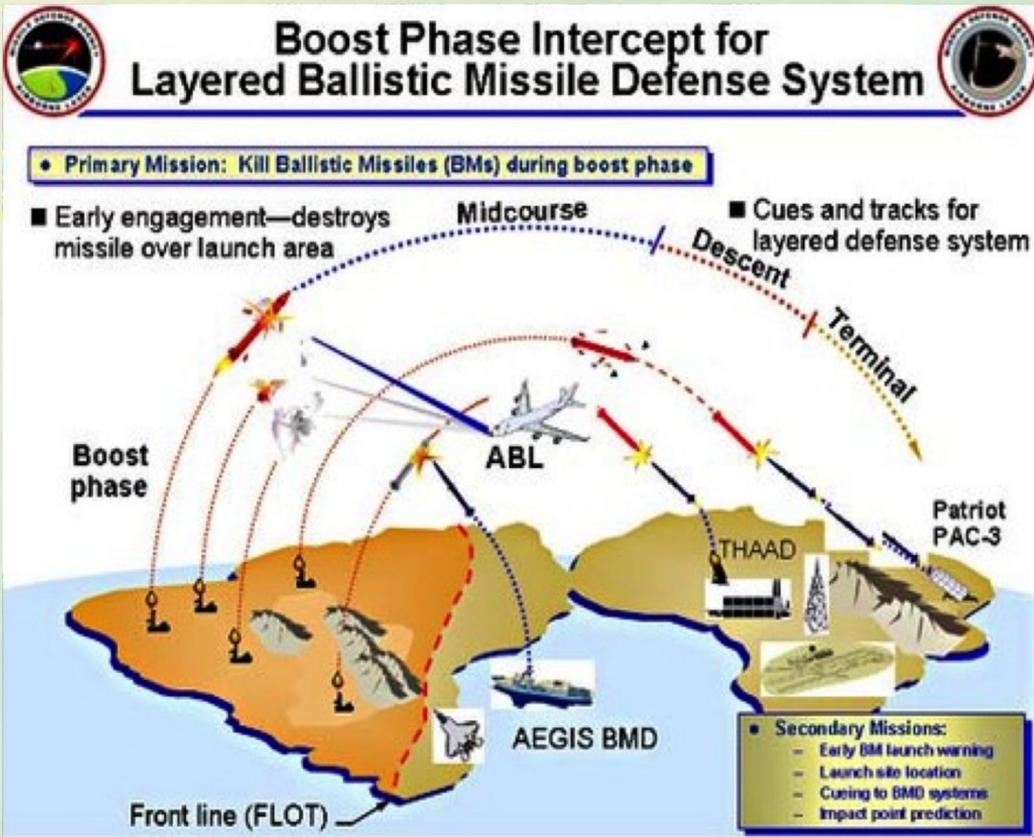
Este trabalho propõe-se a (1) Examinar onexo de causalidade entre a intimidação nuclear e os processos de radicalização na política interna da China; e (2) Avaliar os fatores que podem desencadear, hodiernamente, a aceleração na modernização do arsenal estratégico-nuclear chinês.

HIPÓTESES

Como hipóteses parciais, observa-se que (1) Apesar de se verificar o predomínio da terceira imagem (condicionante global), no caso chinês há uma ênfase sobre seu aspecto regional que deve ser convenientemente estudado. Acredita-se que a conexão entre as Relações Internacionais (RI) e o programa nuclear chinês torna-se evidente em quatro momentos: (1958) Segunda Crise do Estreito de Taiwan e Grande Salto Adiante; (1964-) Guerra do Vietnã e Construção da Terceira Linha de Defesa; (1979-1985) Retomada da Guerra Sino-Vietnamita e a operacionalização do primeiro Míssil Balístico Intercontinental (ICBM) chinês; e (2012-) Aquisição de uma capacidade crível de segundo ataque e o lançamento da Nova Rota da Seda e dos Cinturões de Prosperidade. (2) Acredita-se que os fatos observados na política interna chinesa possuem relação com a tentativa de dissipar os custos internos da nuclearização; (3) Que a chantagem nuclear leva ao aumento da percepção de ameaça nos atores do sistema e pode gerar um potencial estímulo para a proliferação nuclear; e (4) A construção de uma infraestrutura regional pode estabelecer mecanismos econômicos e sociais que possibilitem ao Estado uma melhor capacidade de resiliência na hipótese de conflagração.



Regiões da Terceira Linha de Defesa.
LÜTHI (2008)



Arquitetura em Desenvolvimento do Escudo Antimíssil

DESENVOLVIMENTO

Desde a Guerra da Coreia, a China enfrentava ameaças do uso de armas nucleares contra o país. Durante a Segunda Crise do Estreito de Taiwan (1958), a operacionalização de armas nucleares táticas em Taiwan provocou o aumento do receio chinês acerca da possibilidade do país ter de enfrentar um ataque nuclear contra seus principais centros urbanos e indústrias. Neste sentido, o retorno de Mao-Tse Tung ao poder e o advento do Grande Salto Adiante (1958-1960) constituiu-se em um exemplo extremo do uso da mobilização social, operada por intermédio das “comunas do povo”, para que uma nação não-nuclear ou escassamente nuclearizada fizesse frente à intimidação nuclear. Na década seguinte, baseando-se na experiência da Segunda Guerra Sino-Japonesa (1937-1945), a China operou a construção da chamada Terceira Linha de Defesa, deslocando recursos, indústrias e investimentos em infraestrutura para o centro do país. A Terceira Linha de Defesa constituía-se como uma vasta rede de túneis e abrigos subterrâneos que deveriam servir como retaguarda para o país na hipótese de invasão terrestre ou guerra nuclear. Atualmente, cogita-se que a China tenha passado a modernizar sua infraestrutura subterrânea e que a própria manutenção de silos de lançamento de mísseis e armazenagem de ogivas nucleares embaixo da terra estabelece uma componente de incerteza acerca das reais capacidades nucleares chinesas. Além disso, mais recentemente, o aumento da arquitetura do Escudo Antimíssil no leste asiático levou a China a comissionar oficialmente seu primeiro sistema de entrega estratégico com capacidade MIRV (Multiple Independently Targetable Reentry Vehicle). Dessa forma, a China busca evitar que o Escudo Antimíssil norte-americano e japonês retire, na prática, a sua capacidade de dissuasão através da possibilidade de realizar um segundo ataque nuclear (ataque retaliativo).

CONCLUSÕES PRELIMINARES

O balanço da intimidação nuclear e, hodiernamente, a tentativa de diminuir ou mesmo obliterar a capacidade crível de segundo ataque das outras Grandes Potências, mostrou-se contraproducente em termos de proliferação nuclear e da escalada na modernização dos arsenais na região. Em diferentes momentos históricos, o sentimento de insegurança regional gerou um sistema de vasos comunicantes entre a política externa e a política interna chinesa que levou a uma agudização ideológica da sociedade e a vigência de políticas socioeconômicas marcadamente desestabilizadoras. Paralelo a isto, a contínua operacionalização dos sistemas do Escudo Antimíssil tem levado a China a modernizar seu aparato estratégico-nuclear dissuasório. Neste sentido, a manutenção de vulnerabilidades recíprocas entre Estados Unidos e China deveria estar no centro de uma estratégia mútua de engajamento entre as duas Potências, minimizando-se os riscos da escalada de uma corrida armamentista na região.

REFERÊNCIAS

- KISSINGER, Henry. **Sobre a China**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- LIEBER, Keir A., PRESS, Daryl G. **The Rise of U.S. Nuclear Primacy**. Foreign Affairs, mar-abr., 2006.
- KULACKI, Gregory. **Chinese Concerns About U.S. Missile Defense**. Union of Concerned Scientists, 2014.
- LÜTHI, Lorenz. **The Vietnam War and China's Third-Line Defense Planning before the Cultural Revolution, 1964-1966**. Journal of Cold War Studies, Vol. 10, n.º 1, Inverno 2008, pp. 26-51.
- YAO, Yunzhu. **A Dissuasão Nuclear: A perspectiva chinesa**. Air & Space Power Journal, Vol. 21, N.º 4, 4º Trimestre, 2009, pp. 66-69.